



## O *exemplum* na Sátira 3 de Juvenal: retórica, moralidade e *ethos*

## The *exemplum* in Juvenal's Satire 3: rhetoric, morality, and *ethos*

Leni Ribeiro Leite

Professora Associada de Estudos Clássicos, University of Kentucky-EUA

<https://orcid.org/0000-0001-6600-7692>

leni.leite@uky.edu

Héber Oliveira Dias

Mestrando em Letras na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

<https://orcid.org/0009-0001-9985-9792>

heberxdias@gmail.com

DOI: <https://doi.org/10.12957/principia.2026.95366>

**RESUMO:** Este artigo examina o uso de *exemplum* na Sátira 3 de Juvenal, destacando como esse recurso, oriundo da tradição retórica romana, é apropriado pelo poeta na construção de sua visão satírica de Roma. Demonstra-se que Juvenal emprega *exempla* com grande flexibilidade, mobilizando tanto precedentes históricos consagrados quanto personagens contemporâneos ou ficcionais para fortalecer seu argumento. Ao contrapor *exempla* negativos, que ilustram a realidade corrompida de seu tempo, aos *exempla* virtuosos do passado remoto, Juvenal edifica um *ethos* conservador, que confronta um passado idealizado com um presente percebido como decadente e moralmente degradado.

**Palavras-chave:** Retórica; *exemplum*; *ethos*; Juvenal.

**ABSTRACT:** This paper examines the use of *exempla* in Juvenal Satire 3, highlighting how this rhetorical device is instrumentalized by the poet in the construction of his satirical outlook on the city of Rome. It is argued that Juvenal employs *exempla* with considerable flexibility, drawing both on well-established historical precedents and on contemporary or fictional figures, to strengthen his argument. By juxtaposing negative *exempla*, illustrating the corrupted reality of his own times, and virtuous *exempla*, in general from the past, Juvenal constructs a conservative *ethos* that contrasts an idealized former age with his own present, perceived as decadent and morally degraded.

**Keywords:** Rhetoric; *exemplum*; *ethos*; Juvenal.



## Introdução

O presente artigo propõe uma análise do uso do *exemplum* na *Sátira 3* de Juvenal, com especial atenção à forma como esse recurso retórico se articula ao discurso satírico do poeta<sup>1</sup>. Partindo da tradição retórica romana, em que o *exemplum* desempenhava papel central na argumentação, busca-se compreender de que modo Juvenal adapta essa técnica, integrando-a à estrutura e ao tom de sua sátira.

Parte-se da hipótese de que Juvenal utiliza o *exemplum* não apenas como recurso de autoridade, mas como estratégia literária que lhe permite reconstruir o passado em chave moralizante. Com isso, o poeta consolida um *ethos* saudosista<sup>2</sup>, ancorado na idealização de uma Roma virtuosa que contrasta com um presente visto como irremediavelmente corrompido. O uso do *exemplum* é discutido por tratados retóricos escritos pelo autor da *Retórica a Herênio*, Cícero e Quintiliano, que oferecem definições que enfatizam sua dimensão probatória e persuasiva. Entretanto, pesquisas mais recentes – como as de Arthos (2003), Chaplin (2000) Sabbadin (2015) e Urban (2011) – têm insistido que o conceito não se reduz a um modelo fixo: seu emprego na prática literária romana é amplo, flexível e dependente do contexto.

Este estudo se organiza em três partes: primeiro, será discutida a influência da retórica sobre a produção literária romana, com especial atenção na formação retórica escolar; em seguida, será discutido o conceito de *exemplum* segundo a teoria retórica antiga e a crítica moderna; e por fim, segue-se a análise dos *exempla* encontrados na *Sátira 3*, considerando sua forma de apresentação e função no discurso satírico. Buscamos, com isso, refletir sobre a plasticidade desse recurso retórico e seu papel na construção do *ethos* satírico do texto, marcado pela nostalgia e pelo desencanto moral.

---

<sup>1</sup> Estudos sobre o uso do *exemplum* em Juvenal podem ser encontrados em Sabbadin (2015) e Kroner (2014). No âmbito mais amplo da tradição romana, os estudos sobre *exempla* abrangem diversos autores: Chaplin (2000) analisa seu uso em Tito Lívio; Mayer (1991) e Dressler (2012), em Sêneca; Brenk (2008), em Plutarco; Langlands (2008; 2011), em Valério Máximo e Cícero; Urban (2011) acompanha o desenvolvimento do recurso de Cícero a Plínio, o Jovem. Além de muitos outros estudos não citados.

<sup>2</sup> Essa definição do *ethos* de Juvenal é ancorada nos estudos de Leite e Cordeiro (2018; 2017) e Cordeiro (2019).



## 1 Retórica e literatura

Entendemos que compreender literatura romana requer reconhecer o papel fundamental da retórica na formação intelectual e artística dos escritores<sup>3</sup>. Na Antiguidade, a retórica ultrapassava o domínio das técnicas de persuasão, constituindo um fenômeno cultural dinâmico, estreitamente ligado ao poder, à tradição, à educação e à criação literária (Dominik; Hall, 2007, p. 3). Já na Grécia do século V AEC, é possível perceber traços do estilo retórico nas obras de Eurípides, cujos diálogos dramáticos remetem a debates políticos e jurídicos da época. Da mesma forma, o comediógrafo romano Plauto, século III AEC, satirizava a linguagem pretensiosa da aristocracia, típica dos discursos públicos romanos (Habinek, 2005, p. 85).

A retórica ocupava papel central na formação da elite romana do início do Império, e sua influência é claramente perceptível na produção literária desse grupo. Juvenal, nas suas sátiras, reflete essa herança retórica de modo evidente, tanto na estrutura e no tom argumentativo quanto nas intervenções explícitas de seu narrador (Braund, 2003, p. 123)<sup>4</sup>. Nas palavras de Kenney: “a retórica, e especificamente a retórica declamatória, a retórica das escolas, é o idioma de Juvenal” (Kenney, 1963, p. 707). Para Coffey (1976, p. 123), é inevitável que as sátiras de Juvenal apresentem um caráter essencialmente retórico, uma vez que ele escreve em um contexto histórico e cultural no qual as convenções da retórica impregnaram não apenas a literatura em prosa e verso, mas também as atitudes e valores sociais de seu tempo. Kennedy (1994, p. 173) diz que na literatura latina imperial, as escolas de retórica exerceram domínio sobre a educação formal, e a declamação manteve-se como uma prática popular entre os adultos, resultando em uma vasta produção literária marcada pela forte influência do ensino retórico.

O próprio Juvenal afirma ter concluído sua formação retórica e, portanto, estar autorizado a dedicar-se à poesia: “Pois se mesmo eu minha mão de uma régua escondi, e se eu mesmo / dei para Sula o conselho que um sono privado e luxuoso / ele dormisse”<sup>5</sup> (*Sat.* 1, 15-17). Nesses versos, Juvenal faz referência a um dos exercícios mais comuns da escola de

---

<sup>3</sup> Para uma visão ampla e cronológica do desenvolvimento da retórica desde a Grécia arcaica até o final da Antiguidade, cf. George A. Kennedy (1994).

<sup>4</sup> Para uma análise da presença da retórica e da tradição declamatória na obra de Juvenal, cf. Braund (2003).

<sup>5</sup> Essa tradução, assim como todas as outras do texto de Juvenal, pertencem a Rafael Cavalcanti do Carmo (2018). *Et nos ergo manum ferulae subduximus, et nos / consilium dedimus Sullae, priuatus ut altum / dormiret.*



retórica, a composição de um discurso persuasivo (*suasoria*)<sup>6</sup> dirigido a uma personagem histórica, com o objetivo ficcional de induzi-la a tomar determinada decisão. O exemplo de Sula também é mencionado por Quintiliano: “Não ignoro também que, geralmente por razões de exercício, se colocam temas poéticos e históricos, como as palavras de Príamo a Aquiles ou as de Sula ao renunciar à ditadura na assembleia do povo<sup>7</sup>” (*Inst.* 3, 8, 53). De acordo com Braund (2003, p. 120), para o satirista, a formação em retórica constituía a única qualificação necessária para tornar-se poeta<sup>8</sup>.

Juvenal expressa uma ideia amplamente compartilhada ao longo do período imperial: desde o fim da República, o treinamento em retórica era geralmente considerado o principal requisito para quase toda carreira política, administrativa ou intelectual em Roma. Durante quase seis séculos, jovens romanos da elite recebiam sua educação em escolas de retórica, onde aprendiam a compor e apresentar discursos fictícios, muitas vezes sobre temas extravagantes (Santorelli, 2016, p. 294). De acordo com Bloomer (1997, p. 62), por meio desses exercícios, os jovens romanos aprendiam a distinguir, categorizar e argumentar dentro de um repertório limitado de personagens, situações e soluções, internalizando ao mesmo tempo uma hierarquia social e retórica e compreendendo quais papéis e expressões eram adequados a cada *persona*. Esses exercícios, baseados em situações imaginárias, gradualmente produziram todo um universo de personagens fictícios, cenários recorrentes e leis inventadas, que os estudantes podiam utilizar ao criar seus próprios discursos. De maneira semelhante, Santorelli (2016, p. 294) afirma que além de sua função pedagógica, esses elementos também moldaram a imaginação literária da época imperial, oferecendo um conjunto de referências compartilhadas pelos intelectuais, que persistem mesmo nos gêneros literários alheios à retórica ou à declamação.

Hooley (2007, p. 397-401) observa que Horácio, Pérsio e Juvenal retomam, cada um à sua maneira, a cena formativa da educação infantil, na qual se entrelaçam questões de

---

<sup>6</sup> Os discursos fictícios tratados em aulas da tradição declamatória dividiam-se em duas categorias. Nos mais simples, chamados *suasoriae*, a tarefa do estudante era tentar convencer uma figura mitológica ou histórica a tomar determinada decisão (o discurso dirigido a Sula mencionado acima). Já os exercícios mais elaborados, denominados *controversiae*, eram concebidos como processos judiciais hipotéticos: o professor estabelecia a situação inicial, geralmente envolvendo uma ou duas leis, e uma suposta violação por parte de algum personagem fictício. Cabia então ao estudante imaginar um julgamento hipotético e assumir o papel de uma das partes envolvidas na disputa (Van Mal-Maeder, 2007, p. 3-9).

<sup>7</sup> Essa tradução de Quintiliano assim como as outras deste autor pertencem a Bruno Fregni Bassetto (Quintiliano, 2015-2016). *Neque ignoro plerumque exercitationis gratia poni et poeticas et historicas, ut Priami uerba apud Achillem aut Sullae dictaturam deponentis in contione.*

<sup>8</sup> Sobre este ponto cf. Santorelli (2016, p. 294-295) e Courtney (2013, p. 69).



paternidade e identidade romana. De modo similar a Juvenal, Persio recorda uma cena dos exercícios declamatórios da sua infância na escola, quando fingia uma irritação nos olhos, aplicando-lhes azeite, para escapar do exercício sobre as últimas palavras de Catão, que eram assistidas por seu pai e os amigos que trazia consigo: “*morituri uerba Catonis dicere*” (*Sat.* 3, 44-7)<sup>9</sup>. Bloomer (1997, p. 57) diz que esses exercícios escolares, ao projetarem uma ordem social e familiar idealizada, atuavam como um mecanismo de conforto social, reafirmando valores tanto para a elite quanto pela elite, ao mesmo tempo em que funcionavam como treinamento linguístico dessa mesma elite. Na quarta sátira do primeiro livro, Horácio descreve o papel formativo de seu pai, que, como um verdadeiro mestre moral, acostumou o filho a aprender pela observação dos vícios alheios: “*ut fugerem exemplis uitiorum quaeque notando*” (*Sat.* 1, 4, 105-10). Holley (2007, p. 400-401) aponta que Horácio, assim como Pérsio e Juvenal, revivem cenas formativas de sua educação escolar e familiar, nas quais questões de paternidade e de identidade romana assumem papel central.

Esses exemplos de formação infantil, tanto no contexto escolar quanto no familiar, evidenciam a importância atribuída à educação da criança, mostrando sua importância para a formação intelectual tanto na transmissão de valores morais quanto na construção da identidade romana. Quintiliano em (*Inst.* II, 4, 20) fundamenta essa perspectiva ao descrever o valor pedagógico da contemplação dos modelos morais, louvando os bons e censurando os maus: “*laudare claros uiros et uituperare improbos*”. E a partir daí a importância do contato com os *exempla*, considerado o recurso mais poderoso em todo gênero de causas: “*exemplisque, quae sunt in omni genere causarum potentissima*”.

Nota-se a importância dada à formação moral da criança, que deve ocorrer ao mesmo tempo em que recebe sua educação retórica, entrando em contato desde já com os *exempla*. No prefácio de sua obra, Tito Lívio afirma que o estudo da história é particularmente proveitoso por oferecer exemplos de todos os tipos de conduta, expostos de forma clara, dos quais o leitor pode extrair tanto modelos dignos de imitação quanto ações a serem evitadas por sua completa corrupção (*Liv. Praef.* 10)<sup>10</sup>. Segundo Chaplin (2000, p. 13), a educação escolar romana se baseava em um profundo conhecimento da história, já que o domínio dos *exempla* era considerado essencial na educação oratória. Esperava-se que os jovens, durante seu treinamento

---

<sup>9</sup> Para uma análise desse fragmento cf. Holley (2007, p.397-398).

<sup>10</sup> *Hoc illud est praecipue in cognitione rerum salubre ac frugiferum. omnis te exempli documenta in industri posita monumento intueri; inde tibi tuaeque rei publicae quod imitere capias, inde foedum inceptu foedum exitu quod uites.*



retórico, fossem capazes de mobilizar com segurança exemplos históricos apropriados em seus discursos<sup>11</sup>.

## 2 *Exemplum*

Morgan (2007, p. 122) afirma que a prática de recorrer a feitos e palavras de grandes personagens do passado como modelos – a serem imitados ou evitados – remonta ao menos à literatura grega clássica. Já no século V AEC, os atenienses ouviam nos discursos fúnebres a celebração dos feitos dos antepassados, e, no século seguinte, os oradores áticos passaram a invocar com regularidade figuras históricas como parâmetro para orientar decisões futuras. De acordo com Mayer (1991, p. 146) diversos autores romanos demonstram que eles tinham consciência do uso sistemático dos *exempla* como instrumento de formação moral. Cícero, por exemplo, afirma que Roma superou a Grécia na oferta de exemplos de moderação, pois a cidade estaria “repleta” deles (*Fin.* 2, 62; *Off.* 3, 47).

Quintiliano retoma essa ideia, mas a reformula, observando que os gregos se destacam pelos preceitos, enquanto os romanos, pelo que é ainda mais importante, os exemplos (*Inst.* 12, 2, 30). O imperador Augusto, segundo Suetônio (*Aug.* 89, 2), também valorizava esse recurso, chegando a recolher *exempla* para enviar a seus subordinados. Além disso, houve compiladores dedicados especificamente a esse gênero, como Higino, Varrão, Névio, Pompônio Rufo e, sobretudo, Valério Máximo, que sistematizou o uso de exemplos morais na tradição romana. Segundo Morgan (2007, p. 129-130), a obra de Valério Máximo, *Facta et Dicta Memorabilia*, apresenta-se como uma antologia de caráter temático e variado, composta por mais de mil *exempla* distribuídos em noventa e cinco categorias, que abrangem tanto virtudes e vícios quanto instituições e situações sociais.

Aqui nosso foco estará em uma discussão acerca do *exemplum* por meio dos tratados retóricos romanos<sup>12</sup>. Encontramos no mais antigo tratado retórico romano, a *Rhetorica ad Herennium* de autor anônimo (4, 62), a seguinte definição de *exemplum*:

---

<sup>11</sup> Cf. Quintiliano (*Inst.* 10.1.34 e 12.4.1-2).

<sup>12</sup> Para um estudo do *exemplum* a partir dos antigos tratados de retórica, gregos e latinos, cf. Lausberg (1998, p. 196-203); para uma discussão entre Aristóteles, Cícero e Quintiliano, cf. Clark (1957, 123-125); para um estudo retórico do *exemplum* com discussões teóricas que englobam a tradição grega, romana e clerical escolástica, cf. Arthos (2003); e para um estudo do *exemplum* mitológico a partir dos tratados antigos, cf. Piezark (2016).



O exemplo é o relato de algo feito ou dito no passado com a segurança do nome do autor. É usado pelos mesmos motivos que usamos a similitude. Torna as coisas mais ornadas quando é empregado apenas em razão da dignidade; mais claras, quando ilumina aquilo que parecia obscuro; mais prováveis, quando as faz mais verossímeis; coloca-as diante dos olhos, quando expressa tudo de modo tão perspicuo que eu diria ser quase possível tocar com a mão<sup>13</sup>.

Essa definição indica como traço essencial, a autoridade (*cum certi auctoris nomine*). O texto distingue as funções retóricas do *exemplum*, que se distribuem entre o plano da ornamentação, da clareza e da persuasão. É dito também que é utilizado pelos mesmos motivos da similitude (*Id sumitur isdem de causis, quibus similitudo*). Quintiliano (*Inst.* 5,11, 5-6) confirma essa relação ao dizer que o *exemplum* é apenas um caso particular da *similitudo*, porém suas divisões e terminologias são diferentes das de Cícero (*Inv.* 1, 47-49). Neste trabalho, contudo, vamos nos restringir ao *exemplum*, sem nos deter nas discussões teóricas relativas à *similitudo*<sup>14</sup>.

Para Cícero, *exemplum* “é uma exposição que reforça ou enfraquece uma ação pela autoridade ou pelo destino de um homem ou de uma coisa”<sup>15</sup> (*Inv.* 1, 49). O centro dessa definição está no valor probatório do *exemplum*, que serve para sustentar racionalmente uma posição, valendo-se da credibilidade de fatos ou personagens reconhecidos. Cícero em (*Orat.* 34, 120 e *De or.* 1, 256) recomenda como fundamental à formação de um bom orador o conhecimento dos fatos antigos e de um amplo repertório de *exempla*.

De outra maneira, Quintiliano define o *exemplum* como a evocação “de um feito heroico ou a evocação de um feito útil para persuadir a assembleia a respeito do que se pretende”<sup>16</sup> (*Inst.* 5.11, 6). Para Urban (2011, p. 52), essa definição de Quintiliano “*rei gestae aut ut gestae... commemoratio*” implica que os *exempla* se baseiam em um conteúdo narrativo. Em alguns

---

<sup>13</sup> Essa tradução pertence a Ana Paula Celestino Faria e Adriana Seabra (Retórica, 2005). *Exemplum est alicuius facti aut dicti praeteriti cum certi auctoris nomine propositio. Id sumitur isdem de causis, quibus similitudo. Rem ornatiorem facit, cum nullius rei nisi dignitatis causa sumitur; apertiore, cum id quod sit obscurius, magis dilucidum reddit; probabiliorem, cum magis ueri similem facit; ante oculos ponit, cum exprimi omnia perspicue, ut res prope dicam manu temptari possit.*

<sup>14</sup> Urban (2011, p. 37) observa que o tratamento do tema por Quintiliano tende a oscilar entre definições específicas e amplas de *exemplum*, alternando entre uma compreensão abrangente das comparações e a distinção entre seus subtipos. Para uma discussão mais aprofundada sobre *similitudo* e suas relações com o *exemplum* de acordo com os tratados de retórica antiga, cf. Lausberg (1998, p. 200-202) e Urban (2011, p. 37-39).

<sup>15</sup> Essa tradução pertence à Ilunga (2009). *Exemplum est, quod rem auctoritate aut casu alicuius hominis aut negotii confirmat aut infirmat.*

<sup>16</sup> *Id est rei gestae aut ut gestae utilis ad persuadendum id quod intenderis commemoration.*



casos, o orador deve narrar integralmente o conteúdo do *exemplum*; em outros, deve apenas aludir a ele (*Inst.* 5,11,15-16).

Quintiliano em *Inst.* 12. 4, 1-2 afirma que o orador deve dispor de uma ampla variedade de *exempla*, antigos e novos, extraídos tanto da história quanto das ficções poéticas, pois eles fortalecem sua autoridade e sua capacidade persuasiva. De acordo com Arthos (2003, p. 331), Quintiliano, ao orientar a retórica para a vida prática e para os assuntos cívicos, destaca naturalmente o papel probatório do *exemplum* no âmbito jurídico. Para ele, os *exempla* funcionam como casos precedentes que podem servir de guia para o julgamento da questão em discussão.

Segundo Urban (2011, p. 37), os romanos não possuíam uma definição única e rígida de *exemplum*, exceto em contextos técnicos mais específicos. Em vez disso, empregavam o termo com certa flexibilidade, adaptando-o às necessidades de cada situação discursiva. O caráter e a função de um *exemplum* dependiam menos de critérios externos previamente estabelecidos e mais dos fatores internos de cada texto – isto é, de seu contexto e dos propósitos argumentativos para os quais era utilizado.

Partindo do mesmo horizonte, Chaplin (2000, p. 138) aponta que nem Cícero e nem Quintiliano distinguem de forma consistente precedentes jurídicos de exemplos históricos, o que evidencia a flexibilidade e a amplitude de uso do conceito. Sabbadim (2015, p. 29-36), recorrendo aos múltiplos modos de apresentação dos *exempla* encontrados nas obras de Cícero, entende que esse recurso deve ser compreendido não como mera menção a um personagem ou acontecimento do passado, mas como uma construção discursiva moldada por fatores contextuais e pela intenção de quem o utiliza. Sua função é dinâmica, articulando o texto e orientando a interpretação do leitor, de modo que não pode ser dissociado do contexto em que surge. Por isso, sua forma é variável e ajusta-se às necessidades expressivas e argumentativas do autor.

Por fim, de acordo com Arthos (2003, p. 337-338) o *exemplum* não funciona como um modelo rígido ou uma regra fixa, mas como uma forma de variação: ele oferece um caso precedente que serve apenas como orientação aproximada para novas situações. Como a experiência passada nem sempre garante previsibilidade para o futuro, o exemplo opera simultaneamente pelo paralelo e pela diferença — fornece um pano de fundo de semelhança, mas mantém-se frágil como padrão normativo. Assim, ao permanecer no domínio da aplicação prática, o *exemplum* não nos submete a uma regra, mas estimula a adaptação às particularidades



de cada circunstância. Sabbadim (2015, p. 36) nota que, nos textos poéticos, essa técnica tende a aparecer de forma mais concisa, por meio de breves alusões a fatos, ditos ou personagens exemplares, capazes de evocar vastos significados na mente do leitor romano habituado a reconhecer tais referências.

Diante dessas definições, entende-se que o *exemplum* não é um recurso estático – reproduzido sempre com o mesmo padrão –, mas uma técnica moldada pelo contexto discursivo e pelas necessidades expressivas de quem o emprega. É sob essa ótica que conduzimos a leitura da *Sátira 3*. Não se trata, portanto, de adotar uma definição rígida do termo, mas de observar como Juvenal articula diferentes tipos de *exempla* – históricos, recentes, alusivos ou ficcionais – para sustentar o seu argumento e construir a persona satírica<sup>17</sup>. Portanto, utilizamos o *exemplum* como uma categoria analítica que permite evidenciar tanto a herança retórica incorporada pelo poeta quanto as adaptações que ele realiza para adequar a expressão satírica às circunstâncias históricas do poeta.

### 3 Análise

A *Sátira 3* inicia-se com a despedida de Umbrício, retratado como um amigo de Juvenal que abandona Roma em busca de uma vida mais digna e tranquila em Cumas. O poeta, embora entristecido com o afastamento, aprova a decisão do amigo, interpretando-a como uma forma de resistência moral diante da corrupção e da decadência urbana. O satirista elogia o retiro tranquilo do campo comparando-o com o caos urbano: Roma é um lugar perigoso, cheio de incêndios, desabamentos e poetas medíocres. Durante a despedida, param perto da Porta Capena, onde ficava o vale de Egeria – local sagrado ligado à ninfa Egeria e ao rei Numa Pompílio (*Sat. 3, 12-20*):

Ele parou sob os arcos antigos da fresca Capena,  
lá onde Numa com sua noturna arranjava-se amiga,  
ora a da fonte sagrada floresta e os templos se deixam  
para os judeus, com suas cestas e feno e domésticas tralhas  
(toda, de fato, ao povo a tributo pagar obrigou-se  
árvore e assim, com as expulsas, o bosque mendiga, Camenas).  
Nós para o vale de Egéria descemos e para cavernas  
à natureza dissímeis, ai quão mais presente estaria  
o nume da fonte, se em verdes tapetes as águas flaqueasse

---

<sup>17</sup> Cf. Leite (2017) para um estudo da construção persona satírica no primeiro livro de Juvenal.



relva e os mármore não violentassem a tufa nativa<sup>18</sup>.

O poeta e Umbrício descem em direção ao antigo bosque sagrado — antigo local de encontro entre o rei Numa<sup>19</sup> e a ninfa Egéria — agora completamente degradado. O vale de Egéria, antes símbolo da religiosidade romana<sup>20</sup>, se encontra ocupado por judeus, estrangeiros pobres e marginalizados, tornando-se o cenário ideal para lamentar a perda da velha Roma e o avanço de influências estrangeiras. O espaço encontra-se repleto de grutas artificiais, e a fonte sagrada perdeu seu aspecto natural: em vez da erva verde e do tufo original, está cercada por mármore luxuoso, o que confere ao lugar um caráter artificial e distante de sua espiritualidade primitiva. As *camenae* (nome romano para as musas) já não habitam o lugar, e as árvores, tratadas como pessoas, são forçadas a pagar aluguel e a mendigar.

A descrição da degradação do bosque por Juvenal é realizada de forma a compor uma pintura verbal que busca colocar diante dos olhos esse espaço como se fosse possível tocar com a mão, conforme definido pelo autor da *Rhetorica ad Herennium* (4. 62). Os encontros de Numa e Egéria são invocados como exemplos de um tempo passado em que as instituições religiosas eram cuidadosamente preservadas. Nota-se que esse exemplum é construído não apenas pela referência a Numa, mas também pela elaboração simbólica de um espaço sagrado que, no presente, se encontra abandonado. Assim, o passado é reconstruído como parâmetro de julgamento do presente. Ele surge como um tempo remoto e quase mítico, evocado com nostalgia e associado a uma felicidade irrecuperável. Juvenal assume, desse modo, o *ethos* de

---

<sup>18</sup> *Hic, ubi nocturnae Numa constituebat amicae / (Nunc sacri fontis nemus et delubra locantur / Iudaeis, quorum cophinus fenumque supellex; / omnis enim populo mercedem pendere iussa est / arbor et eiectis mendicat silua Camenis), / in uallem Egeriae descendimus et speluncas / dissimiles ueris. Quanto praesentius esset / numen aquis, uiridi si margine cluderet undas / herba nec ingenuum uiolarent marmora tofum.*

<sup>19</sup> Numa Pompílio, segundo rei de Roma, é tradicionalmente retratado como o legislador e organizador religioso que consolidou a cidade após a fundação de Rômulo. Plutarco retrata Numa Pompílio como um rei exemplar, cuja virtude se manifesta na autodisciplina, no controle das paixões e na dedicação à sabedoria e à religião, evitando luxos e prestando serviços justos a cidadãos e estrangeiros, o que lhe conferiu grande prestígio social (Plut. *Num.* 3. 5-6).

<sup>20</sup> Foi precisamente nesse lugar, segundo a tradição, que se situavam os encontros entre Numa e a ninfa Egéria. O segundo rei de Roma alegou que suas instituições religiosas foram inspiradas pelos encontros com a ninfa Egéria (Liv. 1. 19. 5). Plutarco, em sua *Vida de Numa* (13, 1-7), relata que, após uma peste em Roma, caiu do céu, nas mãos de Numa, um escudo de bronze que garantiria a salvação da cidade. Seguindo o conselho de Egéria e das Camenas, o rei mandou forjar onze cópias idênticas do escudo original de modo que ninguém pudesse reconhecer o verdadeiro e roubá-lo. Simultaneamente, o local onde o escudo caíra do céu – justamente aquele em que Numa costumava encontrar-se com Egéria e as Camenas – foi consagrado às divindades, e a fonte que o banhava foi declarada sagrada: sua água era usada pelas vestais para purificar diariamente o templo.



um conservador desiludido, que enxerga o presente como decadente e contrapõe a ele um passado idealizado — ainda que nunca vivido por ele (Leite; Cordeiro 2018, p. 10; Cordeiro 2019, p. 119-120). Ao longo da sátira, surgirão outros exemplos desse tipo, que evocam um tempo perdido e exemplar para reforçar o contraste com a degradação moral percebida pelo satirista.

Em seguida, a sátira assume a forma de um desabafo — “Aqui Umbrício, então, [...] disse”<sup>21</sup> (*Sat.* 3, 21) —, que expressa com amargura e ironia a impossibilidade de viver honestamente na Roma imperial. Desde os primeiros versos, o personagem lamenta a ausência de espaço para os cidadãos virtuosos, observando que o esforço e o trabalho honesto se tornam quase inúteis diante da corrupção generalizada e do predomínio do dinheiro. Em tom confessional, Umbrício retrata a cidade como um ambiente em que a fortuna favorece os inescrupulosos, e a ascensão social depende menos do mérito do que da habilidade em manipular pessoas, leis e costumes.

Os nomes Artório e Catulo — nomes obscuros, pouco identificado com figuras históricas precisas — aparecem como exemplos de cidadãos ricos e influentes, membros da elite que permanecem em Roma enquanto outros, como Umbrício, se retiram “Que nós deixemos a pátria, que vivam aqui um Artório / e um Catulo, que fiquem os que o negro no cândido vertem”<sup>22</sup> (*Sat.* 3, 29-30). Diferentemente de Numa, esses nomes não fazem parte da memória histórica exemplar, escapando da conceituação do *exemplum* antigo dos antigos tratados retóricos. Nota-se, contudo, que Juvenal emprega esse recurso retórico com flexibilidade, considerando o contexto e as necessidades de cada situação discursiva. Segundo (Kroner, 2014, p. 51), embora a tradição histórica romana oferecesse abundantes *exempla* aos autores do período imperial, era necessário criar novos modelos que correspondessem às transformações políticas e morais introduzidas pelo regime de Augusto. As narrativas do passado republicano já não produziam o mesmo efeito sobre os leitores do Império, pois as circunstâncias sociais e institucionais haviam mudado.

---

<sup>21</sup> *Hic tunc Umbricius [...] inquit.*

<sup>22</sup> *Cedamus patria. uiuant Artorius istic / et Catulus, maneant qui nigrum in candida uertunt.*



Essa postura em Juvenal é confirmada com a alusão a figuras como Cosso<sup>23</sup> e Vejento<sup>24</sup>. “Qualquer coisa em Roma / vem com seu preço, o que dás pra que a Cosso tu às vezes saúdes, / para que te olhe de cima, de lábios Vejento cerrados?”<sup>25</sup> (*Sat.* 3, 183-185). Figuras do passado recente que encarnam o patrono altivo e inacessível, representante do círculo de poder e prestígio social que os clientes pobres tentam cortejar em busca de favores.

Além disso, encontra-se a alusão a Públio Egnácio Célere, delator de seu próprio amigo, Quinto Márcio Barea Sorano, cônsul em 52 EC condenado à morte em 66 EC sob a acusação de ter utilizado seu cargo na província para fomentar sedição<sup>26</sup>. “Velho, um estoico de Báreas a morte arranjou delatando-o / — um seu amigo e discípulo —, tendo na margem crescido / onde desceu flutuando, da Górgona, a pena do potro”<sup>27</sup> (*Sat.* 3, 116-118).

Egnácio Célere era ligado a Barea Sorano por um vínculo clientelar e também como seu mentor nos princípios da doutrina estoica (*Baream delator amicum / discipulumque*). Públio Egnácio não é citado diretamente, porém entende-se que se trata dele pelo contexto da expressão caracterizantes dos versos. Não só o crime mas a origem oriental do personagem também é evidenciada<sup>28</sup>: *ripa nutritus in illa / ad quam Gorgonei delapsa est pinna caballi* (*Sat.*

---

<sup>23</sup> O nome Cosso (Cossus) identifica uma família ilustre utilizada como exemplo de nobreza, como nota-se em referências históricas, incluindo comentários de Augusto sobre conspiradores e nobres (Seneca, *De Cl.* 1, 9, 10). Esse nome volta a ser mencionado nas sátiras como exemplo de conduta associado à tradição e à moralidade em (Juv., 8, 19-24). Nesse caso, Juvenal provavelmente tem em mente, em particular, Cossus Cornélio Lêntulo, cônsul em 1 AEC e conquistador dos Gaetuli, que, segundo a prática imperial, deu o cognome Gaetulicus ao filho, mas não o assumiu para si próprio (Courtney, 2013, p. 341). Também aparece como uma figura que representa um membro da elite romana oportunista, sempre adulando e em busca de benefícios pessoais, simbolizando a decadência moral dessa família (Juv. *Sat.* 10, 201-202).

<sup>24</sup> Refere-se a Aulus Didius Gallus Fabricius Veiento, que foi acusado por Tácito de compor livros contra senadores e pontífices e de negociar favores imperiais e direitos de promoção (Tac. *Ann.* 14, 50). Segundo Courtney (2013, p. 166) e McDermott (1970, p. 134-135), tanto um fragmento de *De bello Germanico*, quanto à “Sátira 4”, de Juvenal (*Sat.* 4, 112; 123-129), revelam que ele era um dos mais importantes conselheiros de Domiciano. Juvenal em (*Sat.* 4, 123-129) o descreve como alguém que se deixa levar completamente pelo frenesi profético, preocupado em mostrar sua suposta sabedoria usando presságios grandiosos e superficiais para impressionar e agradar. Veiento é transformado em exemplo daqueles que buscam ganhar favor e prestígio na corte romana através da bajulação por meio de gestos e palavras vazias.

<sup>25</sup> *Hic uiuimus ambitiosa / paupertate omnes. quid te moror? omnia Romae / cum pretio. quid das, ut Cossum aliquando salutes.*

<sup>26</sup> Tácito (*Ann.* 16, 23, 1), sugere que a acusação era claramente pretextuosa, e a motivação concreta devia estar oculta na aversão pessoal do imperador Nero pelo acusado.

<sup>27</sup> *Stoicus occidit Baream delator amicum / discipulumque senex, ripa nutritus in illa, / ad quam Gorgonei delapsa est pinna caballi.*

<sup>28</sup> Courtney (2013, p. 145) explica que Egnácio é descrito como tendo sido educado em Tarso (atual Turquia), cidade conhecida como importante centro de estudos e associada ao mito de Pégaso. O nome



3, 117-118). De acordo com Lausberg (1998, p. 198), em vez de nomear diretamente as personagens, muitas alusões breves recorrem à antonomásia, como quando se menciona Orestes pela expressão “aquele que teria assassinado o pai para vingar a própria mãe”<sup>29</sup> (Quint. 5.11.18). Esse tipo de referência concisa pode ser aplicado a *exempla* de diferentes origens, permitindo evocar casos conhecidos sem nomeá-los explicitamente. Segundo Sabbadim (2015, p. 182), nomear Egnácio Célere não era necessário para a compreensão do texto, pois à época esse caso era bem conhecido, e já vinha adquirindo caráter exemplar, como demonstra Tácito. Segundo este, o caso de Públio Egnácio serve como exemplo de falsa virtude: apresentado como estoico, ele traiu o amigo Sorano em troca de dinheiro, revelando como a aparência de moralidade pode ocultar a corrupção e a perfídia (Ann. 16, 32, 2-3).

Este outro *exemplum* trata-se de outra alusão amplamente reconhecida à época. “Caro será para Verres quem Verres, no tempo em que queira, possa acusar”<sup>30</sup> (Sat. 3, 54-55). O *exemplum* refere-se a Caio Verres, político e governador romano do século I AEC, célebre por sua extrema corrupção e má administração na Sicília (73-71 AEC). Tornou-se notório pelas acusações de Cícero nos discursos *Verrinae*, que denunciaram em detalhe seus abusos e crimes. Verres também é citado como *exempla* na Sátira 2: “Quem céu com terras não vai confundir e também mar com céu, / se acaso a Verres ladrão desagrade?”<sup>31</sup> (Sat. 2, 25-26). Verres integra o conjunto de figuras notáveis por sua exemplaridade negativa. Embora seu caso pertença ao período republicano, observa-se que o satirista mobiliza tanto *exempla* plenamente consolidados na tradição quanto exemplos mais recentes, ainda em processo de formação. Esses *exempla* compõem um retrato de uma Roma em decadência e funcionam como fundamento para a indignação e a cólera expressas por Umbrício.

Juvenal, da mesma forma em outro momento, em tom irônico, critica a nova nobreza baseada na riqueza. Filhos de cafetões, pregoeiros, gladiadores e mestres de armas enriquecidos passam a ocupar posições que antes pertenciam à antiga nobreza, agora tão empobrecida que não consegue mais atingir o censo necessário para integrar a ordem equestre (Sat. 3, 153-159):

“se tem vergonha e do assento levante-se qualquer equestre  
cujos pertences a lei não alcançam, e aqui se acomode  
do proxeneta o menino – o que importa o puteiro em que fez-se?”

---

Tarso estaria ligado ao casco do cavalo alado, que, segundo a lenda, se quebrou nesse local. A “ripa” mencionada no texto refere-se às margens do rio Cidno, que atravessava a cidade.

<sup>29</sup> *Eum qui patris ulciscendi causa matrem necauisset.*

<sup>30</sup> *Carus erit Verri qui Verrem tempore quo uult accusare potest.*

<sup>31</sup> *Quis caelum terris non misceat et mare caelo, / si fur displiceat Verri.*



Aqui bata palmas do nítido arauto o filhinho, este em meio, do gladiador, aos espertos rapazes e aos do treinador”. Assim foi de agrado ao inútil, que a nós dividiu, daquele Oto.<sup>32</sup>

O *exemplum* faz referência à *lex Roscia*, promulgada em 67 AEC pelo tribuno da plebe Lúcio Róscio Oto, que determinava assentos especiais para os membros da ordem equestre — cuja propriedade mínima exigida era de 400.000 sestércios —, reservando-lhes as quatorze fileiras situadas logo atrás dos lugares senatoriais (Manuwald, 2011, p. 107). O satirista ironiza a formação de uma nova *nobilitas*, cuja distinção já não se fundamenta nas virtudes tradicionais, mas apenas na ostentação da riqueza. Sua crítica ultrapassa a figura de Róscio Oto e acaba por atingir também Domiciano, que teria reavivado essa lei<sup>33</sup>.

Roller (2004, p. 7) observa que, para os romanos, havia um esquema considerado “normal” na formação dos valores sociais: a ação deveria ser vista, julgada pelo público, convertida em memória duradoura e, por fim, tornar-se modelo a ser imitado. Qualquer narrativa ou objeto que apresentasse traços de exemplaridade podia ser incorporado a essa lógica, de modo que esse modelo estruturava a maneira como interpretavam e reproduziam seu sistema de valores. Nesse sentido, quando Juvenal convoca exemplos como os de Vejento e Célere, ele participa desse mesmo processo: delimita o que é imoral, organiza um sistema de valores e constrói um *ethos* moralizante que define condutas impróprias e indica, por contraste, os modelos legítimos de imitação.

Braund (2003, p. 128) observa que as Sátiras de Juvenal estão repletas de *exempla* negativos (para advertir contra vícios), enquanto os poucos *exempla* positivos (para incentivar virtudes) funcionam como contraste, como no final da Sátira 2 em que personagens da época republicana são apresentados como exemplos de virtude preservada: “Pensa, porém, que é verdade: então Cúrio o que sente com ambos / os Sipiades, o que um Fabrício e, em fantasma, Camilo, / o que de Cremera a legião ou em Canas perdidos os jovens<sup>34</sup>” (*Sat.* 2, 153-5).

<sup>32</sup> “*exeat*” inquit, / “*si pudor est, et de puluino surgat equestri, / cuius res legi non sufficit, et sedeant hic / lenonum pueri quocumque ex fornice nati, / hic plaudat nitidus praeconis filius inter / pinnirapi cultos iuuenes iuvenesque lanistae.*” / *sic libitum uano, qui nos distinxit, Othoni.*

<sup>33</sup> Suetônio observa que, devido ao receio de punições teatrais, muitos cavaleiros empobrecidos pelas guerras civis evitavam ocupar os assentos das quatorze primeiras fileiras, motivo pelo qual Augusto determinou que essa restrição não se aplicaria àqueles que tivessem, ou cujos pais tivessem, censo equestre (Suet. *Aug.* 40, 2). Porém, Domiciano, ao assumir a responsabilidade pela correção dos costumes, limitou a liberdade teatral, impedindo que os membros da ordem equestre assistissem indiscriminadamente aos espetáculos (Suet. *Dom.* 8, 3).

<sup>34</sup> *sed tu uera puta: Curius quid sentit et ambo / Scipiadae, quid Fabricius manesque Camilli, / quid Cremerae legio et Cannis consumpta iuuentus.*



De forma semelhante, Juvenal utiliza esse modelo no discurso de Umbrício, ao criticar o dinheiro como novo símbolo de status entre os romanos. Nesse contexto, ele evoca como exemplo três grandes figuras de piedade religiosa do passado, reforçando o contraste entre a virtude antiga e a corrupção contemporânea. “Mostra-me aqui testemunha tão santa qual foi o hospedeiro / da deusa ideana, quer Numa apresente-se, quer venha aquele / que resgatou a tremente, das chamas de um templo, Minerva”<sup>35</sup> (*Sat.* 3, 137-139).

O primeiro dos três grandes personagens históricos citados trata-se de Públio Cornélio Cipião Násica, escolhido para escoltar a imagem da deusa Cibele do monte Ida, na Frígia, a Roma<sup>36</sup>. Não sendo nomeado expressamente, é indicado pela antonomásia: “*hospes / numinis Idaei*”. O segundo personagem citado por Juvenal trata-se de Numa Pompílio – segundo rei de Roma, famoso por sua devoção religiosa – utilizado como *exemplum* pela segunda vez, como já vimos neste trabalho. O último personagem é apresentado por meio de outra antonomásia: “*qui / seruauit trepidam flagranti ex aede Mineruam*” se refere a Lúcio Cecílio Metelo, que em 241 AEC perdeu sua visão, ao salvar a imagem de Minerva (Palladium) do incêndio que destruiu o templo de Vesta<sup>37</sup>.

A apresentação dessas figuras como modelos exemplares do passado contrasta fortemente com os exemplos negativos que Juvenal dispõe em sua sátira, servindo para demonstrar a inversão de valores percebida na Roma do satirista. Juvenal, a partir desses exemplos – como a alusão a Numa e o bosque de Egéria – encarna o *ethos* de um saudosista desiludido: alguém que observa com amargura a degradação do mundo ao seu redor, mas que já não acredita na possibilidade de renovação moral. O satirista, portanto, projeta uma Roma antiga idealizada como modelo de virtude, recorrendo à modelos da educação retórica que estavam, certamente, na memória coletiva de sua audiência.

Esse *ethos* conservador é reforçado também por exemplos não citados explicitamente como em *Sat.* 3, 168-179, em que Juvenal contrapõe a simplicidade dos antigos costumes

---

<sup>35</sup> *da testem Romae tam sanctum quam fuit hospes / numinis Idaei, procedat uel Numa uel qui / seruauit trepidam flagranti ex aede Mineruam.*

<sup>36</sup> Durante a crise final da Segunda Guerra Púnica, em 204 AEC, Roma recorreu aos livros sibílicos, que profetizaram a necessidade de trazer a deusa do Ida, Cibele, da Frígia para restaurar a sorte da cidade. O Senado então enviou uma embaixada a Pessinunte, e o rei Átalo I auxiliou na entrega da pedra sagrada da Deus Cibele. O jovem Públio Cornélio Cipião Násica, considerado o mais virtuoso entre os cidadãos, foi o escolhido para recebê-la e transportá-la a Roma. A partir disso entende-se que a figura de Násica devia ser há muito tempo um exemplo de *pietas* religiosa e de primado moral. (*Liv.* 29.10-14).

<sup>37</sup> Plínio, o Velho, registra o conteúdo da *laudatio funebris* de Lúcio, proferida por seu igualmente ilustre filho Quinto Cecílio Metelo, o qual identifica os méritos do pai com as virtudes às quais todo *bonus ciuis* deve aspirar (*Plin. Nat.* 7. 45, 139-141). Volta a ser citado como *exemplum* em (*Juv. Sat.* 6, 265).



itálicos à ostentação e ao luxo da Roma imperial: “Em pratos de barro jantar envergonha, mas tu negarás / torpe isso ser, se de súbito aos Marsos ou a mesa Sabina / fores, ali satisfeito com o azul de um capuz já surrado”<sup>38</sup> (*Sat.* 3, 168-170). O poeta ironiza o fato de que, na capital, considera-se vergonhoso comer em pratos de barro “*Fictilibus*” ou vestir roupas rústicas “*contentusque illic ueneto duroque cucullo*”; hábitos, contudo, perfeitamente aceitáveis entre os Marsos e os Sabinos, povos tradicionalmente associados à austeridade moral. Nota-se que Juvenal, além de remeter a pessoas e feitos, pode também evocar a um determinado tempo do passado, uma vez que o *exemplum* é uma ferramenta retórica maleável que se adapta à mensagem pretendida.

O outro *exemplum* não citado explicitamente está localizado na parte final da sátira, logo antes do encerramento. O satirista ataca a insegurança da vida na cidade, infestada por ladrões e assassinos (*Sat.* 3, 302-306). Em um tom irônico, a delinquência é apresentada como exponencial, exemplificada pelo risco de escassez das ferramentas agrícolas, utilizadas na produção de correntes e grilhões para aprisionar bandidos: “que forno então, que bigorna, pesadas não fazem algemas? / Tanto em grilhões nosso ferro se gasta, já ao ponto em que temas / que não se encontrem enxadas, que foices e ancinhos nos faltem”<sup>39</sup> (*Sat.* 3, 309-311). Novamente o satirista recorda com nostalgia o tempo antigo em que Roma contentava-se com uma única prisão: “Ledos de meus bisavós os avós e felizes digamos / tempos de outrora nos quais, sob reis ou tribunos, aqueles / viram viver satisfeita com apenas um cárcere Roma”<sup>40</sup> (*Sat.* 3, 312-314). A exclamação retórica de caráter nostálgico: “*felices proauorum ataus, felicia dicas saecula*” remete à época da monarquia e aos primeiros tempos da república, um tempo que Juvenal não viveu, mas que é imaginado com saudosismo.

Como já vimos, Juvenal não se limita a recorrer a exemplos históricos tradicionais, mas incorpora também figuras de sua própria realidade contemporânea. Nesse caso específico, observa-se a criação de um *exemplum* por meio de uma personagem literária concebida pelo próprio satirista, Codro, que lhe serve para ilustrar a sua crítica moral e social (*Juv.* 3, 208-213):

Codro, de fato, não teve foi nada – quem nega? Assim mesmo,  
todo esse nada perdeu o infeliz, mas o ponto mais alto

<sup>38</sup> *fictilibus cenare pudet, quod turpe negabis / translatus subito ad Marsos mensamque Sabellam / contentusque illic ueneto duroque cucullo.*

<sup>39</sup> *qua fornace graues, qua non incude catenae? / maximus in uinclis ferri modus, ut timeas ne / uomer deficiat, ne marra et sarcula desint.*

<sup>40</sup> *felices proauorum ataus, felicia dicas / saecula quae quondam sub regibus atque tribunis / uiderunt uno contentam carcere Romam.*



de sua desgraça e o cúmulo é que, mesmo nu e implorante, em vão, com o que coma ninguém e ninguém com abrigo ou um teto o ajudará<sup>41</sup>.

Codro<sup>42</sup> é uma personagem literária criada por Juvenal, representando o romano pobre e honesto – um cidadão livre, mas sem posses nem influência. O episódio, construído como um *exemplum*, contrapõe a indiferença diante da miséria dos pobres à generosidade exibida pelos ricos quando as tragédias atingem membros da elite. Enquanto Codro, nu e faminto, implora em vão por abrigo, a destruição da mansão de um nobre, como Astúrio, mobiliza a cidade inteira: surgem doadores de mármore, estátuas, livros e prata, ansiosos por demonstrar benevolência e prestígio (Juv. 3, 208-222). Ele é utilizado pelos mesmos motivos de um *exemplum* segundo a teoria retórica antiga, isto é, para esclarecer, ornamentar e tornar mais persuasivo um argumento. Contudo o *exemplum* criado por Juvenal não é fundamentado pela autoridade histórica do acontecimento, algo fundamental para Cícero e Quintiliano em suas discussões sobre o *exemplum*. Apesar disso, o exemplo de Codro é utilizado para ilustrar que, em Roma, não há espaço para o homem romano livre sem recurso ou influências. Também o próprio Umbrício cairia nessa categoria de personagem criado para exemplificar o argumento da sátira.

## Conclusão

Ao recuperar figuras e episódios do passado, Juvenal contrapõe a antiga virtude romana à corrupção que identifica em seu próprio tempo. O *exemplum* torna-se, assim, um instrumento eficaz para ilustrar a sua desaprovação, por meio da referência a figuras como Artório, Catulo, Cosso, Vejento, Verres, Egnácio Célere e Róscio Oto. Dessa forma, Juvenal recorre a exemplos de um passado recente, próximos de sua própria realidade, mesmo que essas figuras ainda não tenham sido incorporadas à memória exemplar coletiva, o que demonstra seu esforço em procurar exemplos fora do repertório tradicional que atendam ao propósito comunicativo de seu texto satírico.

---

<sup>41</sup>*nil habuit Cordus, quis enim negat? et tamen illud / perdidit infelix totum nihil. ultimus autem / aerumnae cumulus, quod nudum et frustra rogantem nemo cibo, nemo hospitio tectoque iuuabit. / Si magna Assaraci cecidit domus, horrida mater, / pullati proceres, differt uadimonia praetor.*

<sup>42</sup> O uso do nome Codro como personagem literário pode ser observado em Marcial, em cuja obra ele personifica o estereótipo do romano crédulo e pobre (Mart. 3.15; 2.1 e 5.23).



Evocando figuras como Numa Pompílio, Cipião Násica e Cecílio Metelo, Juvenal reforça o *ethos* do satirista desiludido e moralista. Esses exemplos tradicionais, associados aos *mos maiorum*, servem de contraponto direto às personagens viciosas de Roma aludidas em suas sátiras. O poeta retoma, assim, um modelo pedagógico central da educação romana, no qual o *exemplum* cumpria funções tanto morais quanto retóricas. Desde cedo, as crianças da elite eram formadas a partir de modelos de conduta – exemplos de virtude a serem imitados e de vícios a serem evitados – que moldavam a identidade e o ideal de cidadania romana.

Por fim, a análise da terceira Sátira evidencia como Juvenal emprega o *exemplum* como recurso literário versátil. Seu texto mobiliza não só exemplos consagrados e contemporâneos, mas também alusões a certos períodos idealizados do passado, como as mesas dos Marsos e Sabinos e quando havia apenas uma prisão em Roma. Há também a criação de personagens literários como Codro e Umbrício, utilizados para ilustrar seu argumento. Formado na tradição retórica, Juvenal reconhece a força do *exemplum* como prova, ornamento e estratégia de persuasão, explorando seu poder imagético e seu impacto moral. Além disso, demonstra a plasticidade desse recurso, combinando exemplos herdados da tradição com a criação de novos exemplos. Em sua sátira, os *exempla* não obedecem a um padrão fixo, ao contrário, se apresentam de formas variadas a depender das necessidades satíricas do texto.

## REFERÊNCIAS

ANDERSON, William. **Essays on roman satire**. Princeton: Princeton University Press, 1982.

ARISTÓTELES. **Retórica**. Tradução e notas de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005.

ARTHOS, John. Where there are no rules or systems to guide us: argument from example in a hermeneutic rhetoric. **Quarterly Journal of Speech**, v. 89, n. 4, p. 320-344, 2003.

BLOOMER, W. Martin. Schooling in persona: imagination and subordination in roman education. **Classical Antiquity**, v. 16, n. 1, p. 57-78, 1997.

BRAUND, Susanna Morton (ed.). **Juvenal: satires book I**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

BRAUND, Susanna Morton. Declamation and contestation in satire. In: DOMINIK, William J. (ed.). **Roman eloquence: rhetoric in society and literature**. Routledge, 2003. p. 120-135.

BRENK, Frederick E. Setting a good exemplum: case studies in the *Moralia*, the *Lives* as case studies. In: NIKOLAIDIS, Anastasios G. (ed.). **The Unity of Plutarch's Work: "Moralia"**



Themes in the “Lives”, Features of the “Lives” in the “Moralia”. New York: Walter de Gruyter, 2008. p. 237-253. (Millennium Studies, v. 19).

CARMO, Rafael Cavalcanti do. A construção do ethos de orador nas Sátiras de Juvenal. **Letras Clássicas**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 80-89, 2015.

CARMO, Rafael Cavalcanti do. **Difficile est saturam bene vertere**: os desafios da tradução poética e uma versão brasileira das Sátiras de Juvenal. 2018. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2018.

CHAPLIN, Jane D. **Livy’s exemplary history**. Oxford: Oxford University Press, 2000.

CICERO. **Complete works of Cicero**. United Kingdom: Delphi Classics, 2014. E-book.

CICERO. **De finibus bonorum et malorum**. Translated by Harris Rackham. Cambridge: Harvard University Press, 1931. (Loeb Classical Library).

CICERO. **De officiis**. Translated by Walter Miller. London: William Heinemann Ltd, 1928. (Loeb Classical Library).

CICERO. **De Oratore. Books I-II**. Translated by E. W. Sutton. Cambridge: Harvard University Press, 1942. (Loeb Classical Library).

CICERO. **M. Tulli Ciceronis Rhetorica**. Augustus Samuel Wilkins (ed.). Oxford: E Typographeo Clarendoniano, 1902. Disponível em: <https://www.perseus.tufts.edu/>. Acesso em: 21 out. 2025.

CICERO. **Rhetorici libri duo qui vocantur De inventione**. Eduard Stroebel (ed.). Lipsiae: In aedibus B. G. Teubneri, 1915. Disponível em: <https://www.perseus.tufts.edu/>. Acesso em: 21 out. 2025.

CLARK, Donald Lemen. **Rhetoric in greco-roman education**. New York: Columbia University Press, 1957.

CORDEIRO, Iana Lima. **A constituição da persona satírica na obra de Juvenal**. 2019. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2019.

COFFEY, Michael. **Roman satire**. London: Methuen and Co., 1976.

COURTNEY, Edward. **A commentary on the Satires of Juvenal**. London: Athlone Press, 1980.

DOMINIK, William; HALL, Jon (ed.). **A companion to roman rhetoric**. Oxford: Blackwell, 2007.

DRESSLER, Alex. “You must change your life”: theory and practice, metaphor and *exemplum*, in Seneca's prose. **Helios**, v. 39, n. 2, p. 145-192, 2013.



GRAZZINI, Stefano et al. Poetica e ideologia nella III satira di Giovenale. **Beiträge zur Altertumskunde**, v. 357, p. 149-168, 2016.

HABINEK, Thomas. **Ancient rhetoric and oratory**. Malden: John Wiley & Sons, 2005.

HOOLEY, Dan. Rhetoric and satire: Horace, Persius, and Juvenal. In: DOMINIK, William; HALL, Jon (ed.). **A companion to roman rhetoric**. Oxford: Blackwell, 2007. p. 396-412.

HORACE. **Odes and Epodes**. Edited and translated by Niall Rudd. Cambridge: Harvard University Press, 2004. (Loeb Classical Library).

HORACE. **Satires, Epistles and Ars Poetica**. Edited by Jeffrey Henderson and translated by H. Rushton Fairclough. Cambridge: Harvard University Press, 1929. (Loeb Classical Library).

ILUNGA, Kabengele. **O Da Invenção, de Marco Túlio Cícero**: tradução e introdução. 2009. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

JUVENAL; PERSIUS. **Juvenal and Persius**. Edited and translated by Susanna Morton Braund. Cambridge: Harvard University Press, 2004. (Loeb Classical Library).

KENNEDY, George A. **A new history of classical rhetoric**. Princeton: Princeton University Press, 1994.

KENNEY, Edward J. Juvenal: satirist or rhetorician? **Latomus**, v. 22, fasc. 4, p. 704-720, 1963.

KRONER, Grace Mahony. **Simus inter exempla: exempla and innovation in Valerius Maximus, Seneca and Juvenal**. 2014. Monografia (Bachelor of Arts in Classics) – Washington University, St. Louis, 2014.

LANGLANDS, Rebecca. ‘Reading for the moral’ in Valerius Maximus: The Case of *severitas*. **The Cambridge Classical Journal**, v. 54, p. 160-187, 2008.

LANGLANDS, Rebecca. Roman *exempla* and situation ethics: Valerius Maximus and Cicero de *Officiis*. **The Journal of Roman Studies**, v. 101, p. 100-122, 2011.

LAUSBERG, Heinrich. **Handbook of Literary Rhetoric**. Leiden: Brill, 1998.

LEITE, Leni Ribeiro; CORDEIRO, Iana Lima. A construção da *persona* na Sátira 6 de Juvenal. **Classica**, v. 31, n. 2, p. 89-100, 2018.

LEITE, Leni Ribeiro; CORDEIRO, Iana Lima. A construção satírica no Livro I de Juvenal. **Calíope**, Rio de Janeiro, v. 33, n. 1, p. 5-23, dez. 2017.

LIVY. **Complete works of Livy**. Translated by B. O. Foster and William A. McDevitte. United Kingdom: Delphi Ancient Classics, 2014. E-book.



LIVY. **History of Rome**. Volume I. Translated by B. O. Foster. Cambridge: Harvard University Press, 1919. (Loeb Classical Library).

MANUWALD, Gesine. **Roman republican theatre**. Cambridge University Press, 2011.

MARTIAL. **Epigrams**. With an English translation by Walter C. A. Ker. London: William Heinemann, 1919-1920. 2 v. (Loeb Classical Library).

MAYER, R. G. Roman historical *exempla* in Seneca. **Entretiens sur l'Antiquité Classique**, v. 36, p. 141-176, 1991.

MCDERMOTT, William C. Fabricius Veiento. **The American Journal of Philology**, v. 91, n. 2, p. 129-148, 1970.

MORGAN, Teresa. **Popular morality in the early Roman Empire**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

PIERZAK, Damian. The mythological *exemplum* in Ancient Rhetorical Theory and in the Practice of Cicero. **Eos**, v. 103, fasc. 2, p. 245-270, 2016.

PLINY (The Younger). **Complete Letters**. Translated by Patrick Gerard Walsh. Oxford: Oxford University Press, 2006.

PLINY. **The Natural History of Pliny**. Vol. II. Translated by John Bostock e H. T. Riley. London: Henry G. Bohn, 1855.

PLUTARCH. **Plutarch's Lives**. Volume I. Translated by Bernadotte Perrin. Cambridge: Harvard University Press, 1967. (Loeb Classical Library).

QUINTILIANO. **Instituição oratória**. Tradução de Bruno Fregni Bassetto. Campinas: Editora da Unicamp, 2015-2016. 4 v.

RETÓRICA a Herênio. Tradução e introdução de Ana Paula Celestino Faria e Adriana Seabra. São Paulo: Hedra, 2005.

SABBADIN, Francesca. **L'exemplum storico nelle Satire di Giovenale**. 2015. Tese (Laurea magistrale) – Università Ca' Foscari, Venezia, 2015.

SANTORELLI, B. Juvenal and declamatory inventio. *In*: STRAMAGLIA, A.; GRAZZINI, S.; DIMATTEO, G. (org.). **Giovenale tra storia, poesia e ideologia**. Berlin: De Gruyter, 2016. p. 293-321.

SUETONIUS. **Lives of the Caesars**. Translated by J. C. Rolfe. Cambridge: Harvard University Press, 1913. 2 v. (Loeb Classical Library).

TACITUS. **The annals of Imperial Rome**. Translated with an introduction by Michael Grant. London: Penguin Books, 1971.



URBAN, David C. **The use of *exempla* from Cicero to Pliny the Younger**. 2011. Tese (Ph.D. in Classical Studies) – University of Pennsylvania, 2011.

VAN DEN BERG, Christopher S. Imperial Satire and Rhetoric. *In*: BRAUND, Susanna; OSGOOD, Josiah (ed.). **A companion to Persius and Juvenal**. Malden: John Wiley & Sons, 2012, p. 262-282.

VAN MAL-MAEDER, Danielle. **La fiction des déclamations**. Leiden: Brill, 2007.

**Recebido em:** 25 nov. 2025

**Aceito em:** 27 mar. 2026